



temente mulheres e grupos de mulheres a viver uma situação anómala, pois nem são filhas nem são esposas. A sociologia pressuposta no Novo Testamento é já bastante inovadora. E a grande atracção das mulheres pelo cristianismo primitivo deve ter andado muito ligada às virtualidades libertadoras produzidas pelo seu característico discurso ascético e pelas formas de organização comunitárias não hierarquizadas. Qual a dose de patricarcalismo tradicional e qual o peso de inovação libertadora se deve considerar o do cristianismo primitivo. A crítica feminista à teologia do Novo Testamento repercute-se em última análise nas questões do serviço e das funções eclesiais. A prática exegética feminista sobre o Novo Testamento é exemplificada com o texto “o que Deus uniu...”, segundo Mc, 2-12.

Em suma, este livro não é nenhuma excrescência sectária a sublinhar um lado exclusivo do tema. É um interessante retomar da questão em profundidade e passo a passo acompanhado da referência bibliográfica aos que anteriormente estudaram cada pormenor. É uma síntese e quase um guia de estudo.

**José Augusto M. Ramos**

**JOSÉ NUNES CARREIRA**, *Cantigas de amor do Oriente Antigo*, Edições Cosmos, Lisboa, 1999, 266 pp., ISBN 972-762-174-0.

Esta obra leva como subtítulo «Estudo e antologia» e foi isso que o Autor pretendeu e apresentou. Por isso o seu livro integra duas partes bem diferenciadas: uma primeira, onde se esboça um quadro geral histórico e sobretudo cultural, dentro do qual esta criatividade poética se integra e progressivamente vai evoluindo. Esta é a parte do estudo. Uma segunda se segue e particularmente importante, a das antologias relativas a cada entidade cultural, segundo os seus específicos «corpus» literários. Na capa, anichou-se um subtítulo diferente: «Estudo e tradução». De facto, o Autor apresenta-nos na antologia a tradução dos textos das cantigas de amor, quer de avalizadas traduções existentes para os textos em sumério e em egípcio e que ele refere, quer directamente do original hebraico. De três regiões culturais provêm os textos sobre as cantigas de amor: da Suméria, do Egipto e de Israel.

A cada um destes casos o Autor define uma especificidade. A literatura suméria apresenta a temática do lirismo com uma conotação afim do que se poderia chamar um realismo mítico. São as resso-

nâncias míticas da fertilidade a pedra de toque das suas cantigas de amor. Tão preocupados com estas questões da fertilidade, transformaram-nas na acção sagrada mais transcendente. Dela ficou incumbido um rei ideal e mítico, Dummuzi, *partner* de uma divindade do amor, assimilada a Inanna. Este *hierós lógos* mítico era actualizado num ritual de casamento sagrado, realizado por dois agentes privilegiados. O agente masculino era naturalmente o rei; o feminino terá uma personalidade funcional menos definida ou menos destacada. Será normalmente uma sacerdotisa. Pelo facto de conter esta expressividade mítica, o lirismo desta literatura não precisa de ser considerado menos expressivo em termos de lirismo humano. E é como expressivo da vivência amorosa dos humanos que o Autor recolhe e apresenta estes textos.

O Egipto, pelo contrário, oferecia condições culturais para uma expressividade humana mais directa da vida afectiva e amorosa. O funcional não parecia absorver tão completamente a expressão das vivências e o indivíduo é uma realidade mais definida. O Autor vê na literatura egípcia o triunfo do amor profano. Nota-se, de facto, que nela tem claramente mais expressividade a definição do «eu» e do «tu» da relação amorosa. Esta é mais sentimento e menos função de fertilidade. O Autor traça a evolução literária do lirismo, articulado com as vicissitudes político-culturais da história do Egipto, explicitando pressupostos, cenários, temas e géneros, datas e autores. O comentário aos textos apresentados na antologia (p. 159-196) representam colecções clássicas na literatura egípcia deste género com um apêndice de alguns textos afins. O comentário global serve de apoio à leitura desta antologia. Nela mesma, algumas secções são comentadas espécie a espécie.

O caso de Israel é considerado como a canonização do amor humano. É evidente a afinidade de Israel com o Egipto também neste sector da criação literária. Além das comparações com o Egipto, são igualmente valorizadas as ligações naturais com outras literaturas de Canaã, nomeadamente com aquela que nos transmitiram os textos cuneiformes de Ugarit. Como apresentação da literatura de Israel sobre o amor, o Autor escolheu uma tradução e comentário do texto integral do *Cântico dos Cânticos*. Apenas o texto de Ct 1,1 ficou na introdução, certamente por não ser considerado poema. E o que foi exposto em texto foram propriamente as unidades poéticas. A designação de *Cântico Maior*, que Fiama Hasse Pais Brandão também utilizou recentemente, como título de uma sua recriação poética deste texto clássico do amor, é linguisticamente correcta e literariamente adequada. A tradução enquadra-se bem numa solidariedade literária com as for-

mas da poesia lírica praticadas na literatura galaico-portuguesa medieval. A estilística e as opções lexicais assumem-no com naturalidade. Uma preocupação da parte teórica tinha sido igualmente sublinhar os ecos e, de algum modo, as sobrevivências das cantigas de amor em épocas posteriores, pelo menos no que diz respeito a cenários, temas e formas implicados (p. 71-91), sem pressupor propriamente influências explícitas. O estilo escolhido para a versão do *Cântico* enquadra-se naturalmente bem nesse contexto. A utilização do nome de Hierosóloma, designação greco-latina, da cidade está certamente nessa perspectiva. Parece menos visível o uso de «Jerusalém» em Ct 6,4. O texto resultante constitui uma bela peça literária, que recria condignamente o original. Neste tipo de tradução, de requintada subtileza, ficam sempre pormenores capazes de algum ulterior refinamento. Seria tentador, por exemplo, articular o termo *kofer* (1,14) e os termos *kefarîm* (4,13 e 7,12) como referindo, no singular e no plural, a planta da alfena, de claras conotações amorosas. A opção de traduzir 4,13 como «ramo florido de henna», situa-se precisamente nesse campo semântico. Esta conotação de alfena parece aplicável igualmente ao singular de 1,14 (*'eshkol hakkofer*), que, em vez de «ramo florido de cipreste», podia também ser «ramo florido de alfena», para manter a expressão “ramo florido” ou então simplesmente «cacho» ou «ramalhete» de alfena. Em 7,12, a expressão é *nalinah bakkefarîm*, que facilmente se poderia ler «pernoitemos nas aldeias» e que o Autor, em sintonia, aliás, com a preferência de Alonso Schökel na *Nueva Biblia Española*, traduz por “pernoitemos entre zimbros». Também aqui um sentido análogo aos casos anteriores, «pernoitemos entre alfenas» seria sugestiva. O contexto da paisagem floral referenciada nas três passagens é convergente com esta leitura. Nos três casos se trata de paisagem de pomar, expressa por *kérem* (vinha) em 1,14 e 7,13 e por *pardes* (pomar) em 4,13. Ora, o cipreste ou o zimbro são referências florais mais próprias da floresta do que do pomar.

Era igualmente possível ler a expressão *hebi'anî* em Ct 2,4 não como um perfeito narrativo («À casa do vinho me levou»), mas como um perfeito precativo («Que ele me leve à casa do vinho»), como o Autor traduziu a mesma forma de perfeito hifil em 1,4 («conduz-me, ó rei, à tua alcova»). A imediata sequência de imperativos em Ct 2,5 sugerem, aqui também, a ideia do precativo.

Apesar da sua transparência temática e clareza textual, o *Cântico* reserva-nos preciosas subtilezas de leitura. Esta recriação que o Professor J. Nunes Carreira aqui nos dá dos matizes do seu texto são um belo contributo para as infintas descobertas acessíveis.

*José Augusto M. Ramos*